

COORDENAÇÃO

Samuel Dimas | Renato Epifânio | Luís Lóia

# REDENÇÃO E ESCATOLOGIA

Estudos de Filosofia, Religião, Literatura  
e Arte na Cultura Portuguesa

Vol. II – Tomo 2



Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT –  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito  
do projeto UID/FIL/00701/2016

**Título** Redenção e Escatologia.  
Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na  
Cultura Portuguesa – VOL. II – Idade Moderna – TOMO 2  
**Coordenação** Samuel Dimas | Renato Epifânio | Luís Lóia  
**Coleção** Investigação

© Universidade Católica Editora

**Capa** Ana Luisa Bolsa | 4 Elementos  
**Imagem da capa** *Calvário*, retábulo da capela do Santíssimo da sé de Viseu,  
Vasco Fernandes, c. 1530-1534, Museu Nacional Grão Vasco,  
Viseu

**Paginação** acentográfico  
**Impressão e Acabamento** Europress – Indústria Gráfica  
**Depósito Legal** 396047/15  
**Tiragem** 150 exemplares  
**Data** fevereiro 2018

**ISBN** 9789725405857

Universidade Católica Editora  
Palma de Cima 1649-023 Lisboa  
Tel. (351) 217 214 020 | Fax. (351) 217 214 029  
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



#### REDENÇÃO E ESCATOLOGIA

Redenção e escatologia : estudos de filosofia, religião, literatura e arte na cultura portuguesa / coord. [de] Samuel Dimas, Renato Epifânio, Luís Lóia. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2017- . . - vol. ; 23 cm. – (Investigação). – Vol. 2/1 : Idade moderna. – 2017. – 544 p. – ISBN 97897254475. – Vol. 2/2 : Idade moderna. – 2018. – 608 p. – ISBN 9789725405857

I – DIMAS, Samuel, coord. II – EPIFÂNIO, Renato, coord. III – LÓIA, Luís, coord. IV – Col.

CDU 215  
1(469)  
2(469)  
236  
232.3  
7(469)

6.8.2. As partes constitutivas dos Painéis das Almas	270
6.8.2.1. Zona superior	270
6.8.2.1.1. A Santíssima Trindade <i>do Saltério</i>	270
6.8.2.1.2. A <i>Dérsis</i>	271
6.8.2.1.3. A Dupla Intercessão	271
6.8.2.2. Zona inferior	274
6.8.3. Os principais Santos intercessores pelos defuntos	275
6.8.3.1. Nossa Senhora	275
6.8.3.2. São Francisco de Assis	275
6.8.3.3. São Nicolau de Tolentino	276
6.8.4. A Santa Missa e as Almas	277
6.8.5. As Almas e o paraíso perdido	278
6.9. Entre o Céu e a Terra. A Escada de Jacob – Iconografia, simbologia e misticismo	285
6.9.1. Escada de Maria, Escada de Cristo	289
6.9.2. A Escada do Paraíso e a Escada mística	293

#### IV PARTE

### O DESTINO ESCATOLÓGICO DO HOMEM NA FILOSOFIA, NA TEOLOGIA E NA ESPIRITUALIDADE DA IDADE MODERNA

<i>Introdução</i> – A natureza e a graça na modernidade da cultura portuguesa	301
A. A justificação e a santificação do ser humano pela fé, pelas obras de caridade e pela graça de Deus que é sua origem e fim	301
B. Natureza e graça, razão e fé, ciência e religião, sob o ecletismo de um iluminismo carólico	311

#### CAPÍTULO SÉTIMO

### A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ E PELAS OBRAS E A IMORTALIDADE NA GLÓRIA DE DEUS

7.1. A salvação do homem para a Glória do Paraíso de Deus no pensamento teológico-moral de <i>Ropica Pniefma</i> de João de Barros	332
7.1.1. A criação do espírito e do corpo do homem para a felicidade da Glória de Deus	332

7.1.2. A justificação pela fé, pelos valores espirituais e morais, pelos sacramentos, e pelas obras	336
<b>7.2. Gaspar Frutuoso e a saudade no caminho da redenção do homem</b>	<b>341</b>
7.2.1. A «alegoria frutuosiana» e a redenção do homem	343
7.2.2. As «saudades de tanto bem perdido»	346
7.2.3. Do conhecimento verdadeiro e da ação virtuosa	350
7.2.4. A saudade e o sentido último da vida	353
7.3. Frei Amador Arrais e a Escatologia Ortodoxa	358
7.3.1. Introdução: a morte e a esperança	358
7.3.2. Consolação e Ortodoxia	362
7.3.3. Conclusão: para a salvação eterna do homem	369
7.4. O mar é Caminho em Diogo de Sá	370
7.4.1. Introdução: vida e obra	370
7.4.2. A Inquisição	373
7.4.3. O Mar é Caminho	375
7.4.5. Fé, Conhecimento e Tolerância	379
7.5. O abraço à morte para o desabrço da morte na «Arte de Orar» de Diogo Monteiro	382
7.5.1. A mortificação no Horeb espiritual	383
7.5.2. Os dois olhares para a morte	386
7.5.3. A morte como definidora	390
7.5.4. Palavras em remare	394
7.6. Eva e Ave: anagrama da Redenção em António de Sousa Macedo	395
7.6.1. Biografia	395
7.6.2. Que lugar ocupa Maria na teologia seiscentista?	396
7.6.3. Estrutura, fontes e temas de Eva e Ave	398
7.6.4. A desobediência de Eva e a obediência de Maria	399
7.6.5. Conclusão: «levantado em Ave»	402
7.7. D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) um inquérito com apontamentos escatológicos à margem	403
7.8. O céu de Violante: uma tensão escatológica entre já e ainda não	423
7.9. Bartolomeu de Quental, pregador da redenção do homem	433
7.9.1. Vida e obra pela reforma interior	433
7.9.2. Os enganos do mundo	439
7.9.3. Memória da morte e reforma da vida	445
7.9.4. Visão escatológica da vida	452
7.10. Frei António das Chagas: temporalidade, imperfeição da alma e união com o divino	458

## 7.2. Gaspar Frutuoso e a saudade no caminho da redenção do homem

José Luís Brandão da Luz

Gaspar Frutuoso nasceu em Ponta Delgada, em 1522, e faleceu na Ribeira Grande, em 1591. É geralmente conhecido pela sua obra historiográfica *Saudades da Terra*, que teria redigido nos últimos dez anos de vida, em seis livros, distribuídos por oito volumes. Trata-se do primeiro registo circunstanciado sobre os Açores que reúne informações do descobrimento e povoamento de cada uma das ilhas, assim como da correspondente descrição geográfica, organização social, política, económica e religiosa. Contém ainda referências do mesmo teor das ilhas atlânticas que formam os arquipélagos da Madeira e das Canárias, para além de discutir problemas históricos relacionados com o descobrimento de Cabo Verde, Antilhas e Molucas. Mas o legado de Frutuoso contemplava ainda uma coletânea de «dezasseis manuscritos de sua Teologia de sua própria letra»<sup>211</sup> que deixou à guarda do Jesuítas do Colégio de Ponta Delgada, como aconteceu aliás com todo o seu espólio bibliográfico. Sabe-se da sua existência pelas referências que o P. António Cordeiro deixou na sua *História Insulana*, mas não se conhece o seu paradeiro. Melhor sorte teve o manuscrito *Saudades do Céu*, que apenas em 2011 foi editado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada. Deveria ter sido escrito no período em que terminava a redação das *Saudades da Terra*, no final da vida, como o próprio Frutuoso deixa transparecer e como também assevera o P. António Cordeiro<sup>212</sup>. As duas obras conhecidas teriam sido escritas, por conseguinte, quando exercia o ministério sacerdotal de vigário e pregador da Matriz da Ribeira Grande, para que tinha sido nomeado em 1565, após vários anos passados fora da sua terra, primeiro na Universidade de Salamanca, onde tomou

<sup>211</sup> António Cordeiro, *Historia Insulana*, p. 46.

<sup>212</sup> Cf. Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011, p. 31; António Cordeiro, *Historia Insulana*, p. 497. João de Simas, com base na caligrafia dos «autógrafos» da obra histórica de Frutuoso, nas cópias existentes em diversas bibliotecas e nas referências deixadas por vários autores, reúne argumentos muito pertinentes que põem em dúvida não apenas o período da vida em que Frutuoso teria redigido as *Saudades do Céu* e o *Livro Quinto das Saudades da Terra*, mas também a autenticidade da denominação da obra que engloba os seis livros das *Saudades da Terra* (Cf. João de Simas, «Notícia bibliográfica das *Saudades da Terra*», em Gaspar Frutuoso, *Livro Terceiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1983, pp. LVI-LXVII). Na «Breve análise codicológica de *Saudades do Céu*» que Rute Gregório escreveu para a edição deste livro, afasta a hipótese de se tratar dum documento autógrafo, encontrando «similitudes de letra entre o caderno que compõe as *Saudades do Céu* e outros cadernos de *Saudades da Terra*». Sem pretender desvalorizar a importância das questões levantadas por João de Simas, que já ao tempo reclamava um «indispensável e rigoroso exame paleográfico» (*Ibidem*, p. LXVII) dos manuscritos, optamos por ensaiar nesta abordagem uma interpretação apoiada apenas na leitura dos próprios textos.

os grau de bacharel em Artes e também em Teologia, depois em Portugal, onde esteve ao serviço do bispo de Bragança, colaborando na administração e reforma do bispado, e onde também obteve o doutoramento em Teologia, muito provavelmente na Universidade de Évora.

*Saudades da Terra* e *Saudades do Céu* adotam, em comum, um discurso alegórico, em que duas personagens de elevado simbolismo, a Verdade e a Fama, comandam toda a narrativa, ao ponto de desvanecerem completamente a presença do autor. Quer nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, que bem poderá ser considerado uma introdução a toda a obra, quer nas *Saudades do Céu*, a Verdade aparece associada a outras três personagens, que são referidas pelos seus nomes próprios e pelos respetivos anagramas. Assim, o Tempo, ou el-rei Ponte, surge como sendo o pai temporal da Verdade, e o Temor de Deus, ou Torme, e a Vergonha do Mundo, ou Nhevorga, são apresentados como seus irmãos. Todavia, é a Verdade, também denominada Dederva, quem assume a construção da narrativa, em que conta à Fama ou Mafa as “novas” destas ilhas que conseguiu saber, esclarece, umas «como testemunho de vista, e outras, que não vi, direi, como as pude saber doutrem»<sup>213</sup>. O encontro das duas personagens marca o desenrolar de cada um dos livros, que se inicia sempre ao romper do dia, conforme é anunciado no final de cada jornada, que termina sempre ao cair da noite. No ambiente bucólico do interior luxuriante duma serra da ilha de S. Miguel, em que não faltam o canto dos passarinhos, a fragância das flores, o mugido das vacas, o balido das ovelhas, o saltitar das cabras, a lida dos pastores, a Verdade dispõe-se a contar à Fama a história das ilhas, sempre junto da «grande e fresca ribeira», em que, sentadas sobre penedos, desfrutam da frescura do «verde e frondoso arvoredo». A Fama, que havia chegado junto da Verdade, voando «assentada sobre um espantoso grifo, que, de quando em quando, tangia uma trombeta, que nas mãos trazia»<sup>214</sup>, pede-lhe que conte «a certeza das cousas e das gentes destas terras»<sup>215</sup>. Mas antes de aceder ao que a sua inesperada visitante lhe pedia, a Verdade começa a falar de si e disserta sobre as precauções de natureza gnosiológica a que o desempenho da sua tarefa deverá atender. Ao mesmo tempo, deixa também transparecer as suas conceções sobre a origem e destino do homem, sentido da vida social, em que a ação livre do homem na história se compreende orientada por uma escatologia dos fins da humanidade que se definem perante a ordem incondicional da Verdade e do Bem. Nas *Saudades do Céu*, a temática é reassumida numa exposição menos coloquial e factual, mas mais claramente doutrinal: a Verdade, agora meditando pela noite dentro, procura conhecer melhor «quem era, ou donde descendia»<sup>216</sup>, e fala da sua natureza, bem como das vias

<sup>213</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 63.

<sup>214</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>216</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 33.

que conduzem ao seu conhecimento e das exigências da vida moral segundo os seus desígnios. Dá a conhecer ainda as razões que justificam a sua irremissível tristeza, muito por causa do estilo de vida das pessoas que se afastam dum caminho de autenticidade.

Iremos procurar compreender o pendor escatológico do discurso de Gaspar Frutuoso, marcado pela preocupação de apontar o caminho de autenticidade para uma sociedade que se terá afastado do seu destino último. Assim, começaremos por atender ao virtuosismo do estilo utilizado, que encontra na alegoria, em torno do diálogo entre duas personagens – a Verdade e a Fama –, a forma de transmitir o que deverá ser o verdadeiro caminho de redenção do homem e da sociedade; de seguida, incidiremos a atenção na procura da razão de ser do infortúnio da Verdade, forçada a levar uma vida solitária, pelo desprezo e falta de reconhecimento a que é votada, e as saudades que sente de um tempo perdido; finalmente, iremos procurar apresentar o significado da noção de verdade e perceber o sentido da “saudade” como fundamento do itinerário da vida que deseja a redenção e se prepara para a eternidade.

### 7.2.1. A «alegoria frutuosiana» e a redenção do homem

O recurso de Frutuoso a nomes dotados de significação própria, como a Verdade e a Fama, para denominar as principais personagens que dão corpo a uma ficção discursiva, que pretende dar a conhecer dimensões complexas da experiência interior do autor e as suas concepções morais, filosóficas e teológicas, compreende-se, genericamente, como um estilo de exposição que se designa por alegoria. É uma forma literária de exprimir por meio de imagens, símbolos ou entidades abstratas um significado idealizado e oculto, que muito dificilmente se deixaria traduzir diretamente pelas categorias que alimentam o discurso corrente. Ao procurar transmitir, por meio da linguagem, a intensidade das suas vivências interiores, o autor acrescenta à significação própria das palavras uma significação figurada que remete para referentes diferentes daqueles que anteriormente possuíam. No estudo introdutório que José Enes escreveu para a edição das *Saudade do Céu*, e cuja redação final lastimavelmente já não pôde rever, chama demoradamente a atenção para a dimensão nova já que o discurso de Frutuoso ganha neste texto, ao comunicar um significado que vai para além daquele que habitualmente possuiria. Daqui decorre não só a exigência de uma leitura interpretativa que procure clarificar o seu sentido latente e mais profundo, mas também um inestimável enriquecimento lexical da língua e o aprimoramento da expressão linguística, que se pretende sugestiva e convincente. A semelhança que aproxima a alegoria da metáfora está em que ambas remetem para um significado diferente daquele a que aparentemente estão ligadas. Todavia, ao contrário da metáfora, que procede à simples transferência dum nome ou dum verbo para coisas ou ações diferentes das que lhes são próprias, sem que haja entre os dois termos uma relação evidente de vizinhança categorial, a alegoria

não procede ao simples traslado duma significação para um referente que ganha, entretanto, uma significação figurada. O universo de significações da alegoria exige um procedimento mais elaborado, que passa pela narrativa duma ação ou acontecimento a que, independentemente da sua historicidade, se atribui a relevância de modelo do mundo real.

O discurso de Frutuoso, ao centrar-se no encontro de duas personagens, a Verdade e a Fama, e nos monólogos que a Verdade desenvolve, na sequência do que esses encontros propiciam, reflete uma mundividência que está para além do significado direto que o discurso pode transmitir e a nossa experiência sensorial é capaz de apreender. A personagem que comanda o desenrolar da narrativa, a Verdade ou Dederva, transmite uma mensagem sapiencial que projeta as ações humanas, assim como todo o acontecer histórico, no quadro ideal em que se deverão entender. Este aspeto é particularmente posto em evidência por Maria do Céu Fraga, ao analisar, no *Livro Quinto das Saudades da Terra*, a receção de Frutuoso de importantes obras da literatura do seu tempo, designadamente, de Camões, Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão. Neste seu ensaio, sublinha muito acertadamente como, «sob a tutela da retórica», Frutuoso cumpre o alto propósito de «sondar e explicar o próprio homem pelas suas ações e, ao mesmo tempo, de doutrinar e moralizar, propondo ao leitor os caminhos abertos pelos exemplos apresentados e pelas 'saudades' que deles emanam»<sup>217</sup>. A par de «uma certa originalidade na narrativa» em que sobressai «uma cultura muito vasta e operante»<sup>218</sup>, destaca o propósito edificativo do autor quinhentista, claramente assumido, quando no final da sua novela associa a narrativa das histórias dos dois amigos à sua intenção de as apresentar «pera exemplo nosso»<sup>219</sup>. Também Margarida Lalanda, ao examinar os principais vetores que dirigem a visão de Frutuoso da sociedade micalense, nos volumes 2 e 3 do *Livro Quarto das Saudades da Terra*, faz notar a preocupação moralizante de pôr em evidência os atributos que a nobilitam. A «grandeza» das pessoas não se reconhece pelos seus títulos de nobreza, mas pela ancestralidade familiar, capacidade de manter e aumentar o património, intervir na resolução de conflitos, generosidade de partilhar os bens materiais, e todos os comportamentos exemplares e dignos de serem apresentados como modelos de virtude a seguir pela sociedade. Frutuoso preocupa-se em identificar e enaltecer as personalidades e suas famílias que, pela fortuna que possuem e pela virtude que aparentam, são exemplos de vida para a comunidade, deixando, em geral, sem identidade o povo rude e simples – “os comuns” – e censurando as situações de subversão da ordem social e de dissipação do património. Desta forma, o próprio autor «nos é revelado pela sua descrição da sociedade micalense»<sup>220</sup>, ou seja,

<sup>217</sup> Maria do Céu Fraga, «Gaspar Frutuoso: a literatura, o desterro e as saudades», pp. 676-677.

<sup>218</sup> *Ibidem*.

<sup>219</sup> Cf. *ibidem*, p. 703.

<sup>220</sup> Maria Margarida Lalanda, «As estruturas sociais micalenses em Gaspar Frutuoso», p. 344.

pelo seu propósito de enobrecer modelos de vida social e moral edificantes. No desenrolar da sua exposição do modo de vida desta pequena sociedade atlântica do século XVI, o historiador deixa-se conduzir pelos modelos de vida social e moral que a sua alegoria se esforça por apresentar, deixando fora do olhar da história os aspetos sociais e morais que se desviam do seu modelo inspirador<sup>221</sup>.

Os diferentes livros que constituem as *Saudades da Terra*, em particular, o *Livro Quarto*, dão a conhecer o surto de prosperidade que as ilhas conheceram a partir dos finais do século XV, e que alteraram as suas estruturas de poder económico e político. Uma certa mobilidade social, com alteração de costumes e mentalidades, teria suscitado a reação crítica do autor que se sentiria impelido a intervir para restabelecer a ordem das coisas segundo os padrões tradicionais<sup>222</sup>. Por esta razão, ganha sentido o teor do discurso desenvolvido nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, que trata da vida social das ilhas do ponto de vista do que ela deverá ser ou do que é possível e desejável que ela venha a ser. Em lugar de se circunscrever apenas a apresentar os acontecimentos sociais, políticos, económicos ou outros que se viviam nas ilhas, o discurso configura e dá vida a personagens que desempenham papéis que apontam o sentido à ação narrada e dão a conhecer a sua intencionalidade, a qual ganha expressão pelo confronto entre o desvirtuamento do mundo real e a autenticidade dum mundo de Verdade que se perdeu ou corre o risco de se perder, mas a que nos mantemos ligados pela saudade. Trata-se, pois, dum discurso que remete para além do significado literal das palavras que o compõem e da realidade histórica a que eventualmente se reporta. Os ambientes e as ações que são objeto da narração sugerem outros cenários que são evocados com saudade, não podendo o seu entendimento circunscrever-se ao seu sentido corrente, sob pena de deixar sem expressão uma intencionalidade mais profunda.

No estudo introdutório que antecede a edição das *Saudade do Céu* e a que já aludimos, José Enes considera, muito justamente, que se atendermos ao enquadramento que o recurso à alegoria confere ao andamento da obra de Frutuoso e «à originalidade criativa e inovadora que lhe imprimiu, bem o podemos denominar alegoria frutuosiânica»<sup>223</sup>. Destaca-a, por isso, como elemento fulcral para compreender o pensamento do autor, que se situa muito para além da sua produção historiográfica e exige, por conseguinte, um trabalho de análise interpretativa. A clarificação do significado mais profundo da «alegoria frutuosiânica» afigura-se indispensável, não certamente com vista à descodificação do «seu discurso especificamente histórico, sobejamente sujeito à “verificação” crítica por parte de numerosos estudos [...], mas de modo

<sup>221</sup> Cf. *ibidem*, pp. 349-354.

<sup>222</sup> Cf. José Luís Brandão da Luz, «O tema da “saudade” em Gaspar Frutuoso», pp. 412-415.

<sup>223</sup> José Enes, «Reflexões sobre as *Saudades do Céu*», p. 11.

mais assertivo na descoberta da intencionalidade do trabalho historiográfico do nosso autor quinhentista»<sup>224</sup>, que não perde de vista o propósito de apontar o caminho de autenticidade do mundo social. Competirá à análise hermenêutica descobrir e entender o sentido desta discursividade simbólica, procurando vislumbrar no seu andamento os sinais duma inspiração filosófica que os discursos alegóricos da Verdade mostram o propósito de fixar.

### 7.2.2. As «saudades de tanto bem perdido»

A apresentação que Frutuoso faz das duas personagens da sua alegoria, a Verdade e a Fama, aparece rodeada, nos dois textos a que nos temos vindo a referir, de contornos que denotam a preocupação literária de lhes modelar uma personalidade que dê suporte ao protagonismo que ambas são chamadas a assumir. O autor traça o perfil físico e psicológico das duas «donzelas», descrevendo as respetivas fisionomias, trajas, adereços e ambientes em que vivem, relatando ainda os sentimentos de que são possuídas e os desígnios que dirigem os respetivos desenvolvimentos discursivos. A Verdade traja um vestido branco, sem adornos, e traz o cabelo solto e desalinhado, como sinal da sua condição de solitária, enfeitada e caluniada pelos que vivem na mentira, na ignorância e à margem da virtude. Vive longe dos povoados, refugiada em uma serra, onde chora sem cessar a sua triste condição e as «saudades de tanto bem perdido»<sup>225</sup>. Pelo contrário, a Fama traz um vestido de penas de aves muito coloridas e espalha no ar uma agradável fragrância oriental. Os cabelos longos e dourados esvoaçavam à sua chegada, mas logo, ao avistar a Verdade, cuidou de prendê-los com uma fita azul, após o que «se olhou no espelho, que do seio tirara, em que viu sobre a sua cabeça, da fita e cabelos tecida e trançada, uma rica coroa feita toda e bem lavrada de ouro azul»<sup>226</sup>.

Todo o discurso da Verdade, nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, é marcado pelo debate duma permanente ambivalência de dois tipos de vida: um, em que a Verdade viveu por escassos momentos – «seis horas me dizem alguns, e outros uma só» –, gozando riqueza e alegria em casa de seu pai que habitava «em altos e sumptuosos palácios, senhor de muitas riquezas, pajens e donzelas, sendo de coisas altas e baixas bem servido, sem temor nem sobressalto de perder alguma delas»; o outro, em que foi desterrada, quando era ainda muito pequena, e onde vive desamparada, triste e enfeitada, conforme a narração que faz nos seguintes termos:

De altos montes e de alto lugar caí em baixos vales, de alegrias grandes vim a dar em dores tristes e de segura vida comecei ver morte

<sup>224</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>225</sup> A presente citação e as seguintes, salvo indicação em contrário, são do capítulo primeiro do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pp. 3-16.

<sup>226</sup> *Ibidem*, p. 28.

incerta; vivendo, pois, pera ver tristezas tais e mágoas tantas, não é muito que só com minhas saudades de tanto bem perdido acabe ou comece a viver sem acabar, morrendo sempre por que esteja de contínuo em roda-viva a minha morte e em roda mortal esteja voltando sempre à mortal vida.

No contraste entre os dois estilos de vida da descrição que, fundamentalmente, ao longo do primeiro capítulo do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, o autor faz do infortúnio da Verdade, sobressai a memória saudosa dum paraíso perdido e dum ambiente de fruição, em tudo semelhante ao estado de inocência dos jardins do Éden, que nos é relatado pelo autor do *Génesis*:

Depois que desemparados foram os campos verdes, depois de perdidas as claras fontes, ricos rios, deixados os jardins de doces frutos e fermosos, acabando de perder aquela quieta, segura e descansada vida, sem calmas nem frios, sem ventos nem chuvas, sem trabalhos nem dores, sem nenhuns perigos e infortúnios; vestidos de peles peregrinando pelo vale de lágrimas nossos ayos, começaram-se tantas invejas e contendas entre os filhos, começaram-se mais que civis batalhas e mortes cruas; tanto que, contendendo antre si, me perderam quase todos e fiquei, como digo, enjeitada, desterrada e aborrecida no mundo e sem viver.

A vida é atingida por um cruel e, ao que parece, irreparável desamparo, em que a Verdade cai «doutro terra mui alta a esta baixa», em que é confrontada, sem cessar, com sentimentos de inveja e desejos de violência que provocam lutas fratricidas, «mais que civis batalhas e mortes cruas», que desfiguram o ambiente social, afastando-o do seu modelo primordial. A Verdade passa a ficar, por conseguinte, «estranha e estrangeira em terra alheia» e dá começo a uma forma de vida de exílio, marcada pelo estigma da incompreensão, que a faz sentir-se «enjeitada, desterrada e aborrecida no mundo e sem viver». Este desenraizamento atinge a expressão mais dramática na incapacidade de comunicação com os demais habitantes. Ela própria confessa: «Não entendo a linguagem das gentes, nem me entendem. Ouço tantos vasconços disfraçados, vejo disfraces novos vasconçados; sendo eu tão clara, fico obscura e triste». Por isso, quando deixa por momentos a vida solitária e se dirige a algum povoado, troca o seu vestido branco por outro de cor diferente e usa um «cadeado mourisco que por dentro fecha os beiços», para assim sustentar a sua impetuosidade admonitória, o que atrairia sobre si maiores perseguições. Nos primeiros anos do seu exílio ainda viveu «antre homens mui honrados», mas logo cresceu a animosidade que todos começaram a manifestar-lhe, de tal modo que «não havia pessoa que com direitos olhos me olhasse; nenhum me via, nem ouvia, que não me perseguisse e, se alguém me tinha afeição, não ma mostrava». Por isso, decide trocar as letras do seu nome, passando

a chamar-se Dederva, e isolar-se do convívio das pessoas, escolhendo refugiar-se no interior duma serra, que descreve como sendo um «solitário ermo, onde não há senão cousas governadas na obediência ao Criador que as criou todas». Trata-se dum local onde poderá viver tranquila, em plena natureza «antre estas sombrias e frondosas árvores e repousar sobre estas verdes e frescas ervas e encostar-me a estes duros e lisos penedos, de contínuas correntes tão lavados». Aí espera levar uma vida sem perseguições, pelo menos enquanto não descobrirem o seu paradeiro, pois, vaticina ela, «assim que se souber que eu aqui estou e moro, me hão de fazer os homens guerra a ferro e fogo».

A opção de viver isolada de todos não representa uma escolha que corresponda às suas inclinações ou preferências. Pelo contrário, vai contra a sua vontade, como explica, pelo «desejo que eu tenho de viver em sua companhia, e o que eles houveram de ter a minha, nunca lho eu desmereci, nunca mo eles mereceram», e é também contra a sua própria natureza, que tende a comunicar-se, como é próprio de todo o bem que «se não pode chamar bem se não se comunica»<sup>227</sup>. É uma maldição a que se acrescenta outra mais cruel e que a condena a viver como quem morre, ou seja, «a viver sem acabar, morrendo sempre por que esteja de continuo em roda-viva a minha morte e em roda mortal esteja voltando sempre à mortal vida». A Verdade considera-se vítima duma deformidade da roda da Fortuna, que em vez de circular se tornou quadrada, fazendo assim, lastima a Verdade, que «meus males nunca foram para bens, mas sempre fizeram firme e imóvel assento no que sempre foram e dantes eram». Deste modo, permaneceram de forma tão firme e definitiva que lhe modelaram totalmente a natureza. Frutuoso recorre à figuração da roda para representar a Fortuna, uma imagem que foi bastante desenvolvida por Boécio, para mostrar que os bens, dignidades e poderes deste mundo são provisórios, ou seja, da mesma forma que são concedidos ao homem também da mesma forma lhe são tirados<sup>228</sup>. Todavia, parece encarar o infortúnio de modo mais radical, sem admitir que a situação se possa alterar nesta vida terrena. Somente a morte nos poderá libertar deste destino cruel, admitindo mesmo que «ninguém, enquanto vive, se pode chamar bem-afortunado, senão quando os casos da Fortuna nele não tem poder, que é depois da morte»<sup>229</sup>. Por isso, não será possível neste mundo encontrar lugar para a alegria, mas antes para a tristeza e choro de copiosas lágrimas, como Frutuoso acentua, em tom interpelativo, nas *Saudades do Céu*, perante a tomada de consciência da certeza da morte e da incerteza da salvação:

o que se vê desterrado, cativo, e condenado a morte, (como todos somos) como se pode alegrar? Se bem atentamos que coisa há nesta vida que não seja para chorar? [...] se temos siso, e vive a fé em nós

<sup>227</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>228</sup> Cf. José Luís Brandão da Luz, «O tema da "saudade" em Gaspar Frutuoso», pp. 409-410.

<sup>229</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Quinto das Saudades da Terra*, p. 185.

outros, a nenhuma parte viraremos os olhos, que não choremos. Se olhamos atrás a má vida passada bem há aí que chorar; se o presente, está caído, ou em perigo de cair, se em o porvir a morte, e adiante a conta, e mais adiante o remate da conta que há de resultar. Se olhamos arriba, um Céu, e em perigo de perdê-lo, se abaixo, um Inferno, e o risco de ir lá, se a mão esquerda adversários; se à direita, falsos contentamentos, e em tudo dores, trabalhos, e perigos da salvação da alma, e o fim de tudo isto se há de ver em breve, pois sendo assim, quem não chora? Como há homem que se ria?<sup>230</sup>

Mesmo quando, por instantes, um sentimento de alegria nos invade, logo nos sobrevém a tristeza, «que é o fim e remate que têm todos os contentamentos desta vida triste»<sup>231</sup>, uma vida marcada pelo infortúnio, que destina o herói da novela do *Livro Quinto das Saudades da Terra* a ser permanentemente mortificado pelo sofrimento e pela angústia, pois, porque «estava destinado pera passar muitas mortes não era razão, ou não permitia seu fado, que com uma só delas pusesse fim a tantas».

Também a Verdade, por motivos diferentes do comum dos mortais, padece da mesma má sorte, e nem a morte a poderá valer para pôr termo aos seus desgostos:

por longos anos me vejo morta cada hora, sem alguma meus choros se esgotarem, nem faltarem, vim a cair na conta que uma só morte, que de mim fugia, não era poderosa pera matar tantas que cada dia viva me enterravam [...]; e, pois, eu padecia tantas mortes, mal poderia uma só, que desejava, matar a multidão das muitas que eu sofria.

A tristeza em que vive permanentemente, com tanta «firmeza e grandeza», acrescenta, não terá fim e, a dado momento, parece que deverá perdurar para além do termo do Universo, que há de acabar o seu curso, «mas as mágoas e saudades, que em mim vejo, não têm outro mais limitado fim que não ter termo». Por isso, a única consolação que lhe resta é, por paradoxal, não ter nenhuma! A razão de uma tal tristeza não provém da sua natureza, como acontece com as pessoas, mas prende-se com os vícios que se instalaram na vida social e com a saudade do tempo em que a Verdade era reconhecida como sendo «objeto e perfeição da razão humana e lei de todas as artes»<sup>232</sup>. Como afirma logo de seguida, apesar da rejeição de que é alvo, ela continua inalterada na sua natureza e nos seus designios: «mais forte que todas as coisas fortes» e, simultaneamente, «conservadora da companhia humana e dos

<sup>230</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 40.

<sup>231</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Quinto das Saudades da Terra*, p. 132.

<sup>232</sup> *Ibidem*, p. 31.

contratos dela». O sentimento da saudade permite afastar uma visão pessimista do homem e da sociedade, pela afirmação dum sentido de vida que se projeta para além da história.

### 7.2.3. Do conhecimento verdadeiro e da ação virtuosa

O autor apresenta a Verdade nos termos da conceptualidade mais tradicional da filosofia escolástica, como expressão do Ser absoluto, Deus, simultaneamente, uno, verdadeiro e bom. Com propriedade, somente Deus é a Verdade, denominada de Verdade incriada. Diferente é a verdade criada, que inclui, para além da protagonista da alegoria frutuosiã, a que nós possuímos por via do conhecimento, a qual se compreende como adequação entre o que as coisas são em si mesmas e o que o entendimento ou o coração delas dizem. Estas são as verdades dos filhos dos homens, que apesar de serem poucas, neste mundo, Frutuoso diz que «ainda essas poucas não têm de todo cheia sua valia»<sup>233</sup>. O seu acesso não se opera de forma direta, mas exige elaborada ponderação, conforme expõe, no capítulo oitavo do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, ao decifrar as frases que se encontram gravadas no peito do vestido branco da Verdade, inscritas num triângulo, do centro para cada um dos seus ângulos, e que dizem assim: «Não creias quanto ouves; não digas quanto sabes; não desejes quanto vês»<sup>234</sup>. Encontra-se nesta inscrição o lema a seguir não somente na pesquisa histórica, a que o autor se dedica e que a Verdade se dispõe a contar à Fama, mas também na organização social e na conduta de cada um, segundo critérios de Verdade e de Bem. A imagem apela para a indispensável articulação das «três potências da alma», a memória, o entendimento e a vontade, na construção de todo o conhecimento verdadeiro, assim como de toda a ação justa. Da mesma forma que o triângulo, onde estão inscritas as frases que representam as três faculdades, se não compreende só pelos seus lados ou só pelos seus ângulos, mas, como diz Frutuoso, «é uma só figura e tem três cantos», também as três faculdades não operam isoladamente, de modo especial a inteligência e a vontade, mas encontram na figuração que a Verdade exhibe no seu «brial» o modelo ou o «espelho da vida humana», que a todos deverá inspirar ou em que todos se deverão rever, ao nível do conhecimento verdadeiro e da ação virtuosa. Todavia, todos recusam olharem-se nesse espelho «porque torna feios aos que dele mal usam», ou como explica a seguir:

Aos maus mostra este espelho o rosto às vexas (sic), mas aos bons às direitas lho está mostrando, pois eles são os que diretamente não creem quanto ouvem, nem dizem quanto sabem, nem desejam

<sup>233</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 34.

<sup>234</sup> A presente citação e as seguintes, salvo indicação em contrário, são do capítulo oitavo do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pp. 53-63.

quanto veem, como diz este espelho. E de as gentes se não quiserem ver no direito dele, senão no avesso, daqui nascem todos os desconcertos e erros da vida humana.

Uma série de exigências de caráter epistemológico, apoiadas fundamentalmente nos ensinamentos tradicionais da psicologia do ato voluntário, procuram salvaguardar o conhecimento e as ações humanas do imediatismo das primeiras impressões e impulsos<sup>235</sup>. Para que as potências da alma se não desarticulem e a ação humana se não desvirtue, haverá que seguir o conselho dos filósofos, adverte o autor, segundo o qual, «pera usar bem dos cinco sentidos, principalmente do ver, ouvir, falar e obrar, é necessário ir o entendimento escudeirando, como escudeiro diante da vista, do ouvido, da fala e da obra». Será na medida em que o homem for capaz de subordinar à luz esclarecida da razão os desejos da vontade, assim como as informações que recolhe da experiência e as que guarda na memória que se tornará apto a, acrescenta de imediato,

saber ver o que vê, ouvir o que ouve, falar o que diz, acertar o que faz; porque, ficando atrás o entendimento, fica nossa vista cega, às escuras, sem tocha, vendo o que não vê, e nosso ouvido surdo, ouvindo o que não ouve, e nossa voz falsa e enganosa, falando o que não é, e nossa obra errada, obrando o que primeiro não entende.

Esta orientação, que traça o caminho da descoberta da verdade, não atrai as pessoas, que preferem antes correr atrás do que lhes ditam os seus mais desordenados apetites. É a marca deixada pelo pecado original que torna as pessoas cegas para a luz clara da verdade, como reconhece a Fama, quando diz à Verdade «que desse vosso claro espelho lhe vem nascer esta cegueira que, mal pecado, já o mundo as cousas claras o cegam e as cegas lhe dão claridade, porque amaram mais os homens as trevas obscuras e feias do que a luz formosa e clara».

Apesar de encontrarmos, no diálogo entre a Verdade e a Fama, elementos dum fatalismo pessimista que não permite alimentar a esperança de que a Verdade venha a recuperar o reconhecimento do alto merecimento que outrora gozou, o autor acaba por deixar pistas que identificam alguns segmentos da sociedade que se mostram sensíveis aos apelos da Verdade. Antes de se instalar na ilha de S. Miguel onde é visitada pela Fama, admite ter existido um tipo de pessoas que a reconheciam e a quem esporadicamente visitava: «quando vou ter a quaisquer dos povoados de toda a redondeza do Universo, trato e comunico com os mais virtuosos e prudentes, com os mais magnânimos e fortes e com mais letrados e sábios que acho neles, e só destas gentes

<sup>235</sup> Cf. José Luís Brandão da Luz, «O homem e a história em Gaspar Frutuoso», p. 484.

magníficas sou honrada»<sup>236</sup>. Numa eventual alusão aos tempos e ambientes exemplares em que viveu fora da sua ilha, em Espanha e Portugal, Frutuoso enaltece a educação e a virtude como os caminhos que poderão orientar as pessoas e a sociedade para a verdade. A memória desses tempos poderá mesmo servir-lhe de inspiração para a severa apreciação crítica que faz da sociedade do seu tempo, não assente na honra e no saber, mas no fingimento e na ostentação, em que todos procuram parecer o que não são e exibir o que não possuem. Por isso lastima o predomínio do que designa de «uma fidalguia postiça» que, sendo completamente insensível aos argumentos da Verdade só lhe poderá dar motivos para «chorar com saudade daquele bom tempo passado e consumido».

As *Saudades do Céu* refletem a memória que a Verdade conserva de um tempo passado, que, apesar de ignorado pelo comum das pessoas, se apresenta como destino do homem e estado de vida após a morte. Será a evocação do seu conhecimento que lhe dará ânimo para, nesta «idade de barro» em que presentemente vive, ganhar «gosto nos desgostos, alegria nas tristezas, nas desconsoações consolação, nas tardanças esperança, e caridade, e descanso nos trabalhos sofridos por tão bom Deus, e Senhor»<sup>237</sup>. Se a verdade propriamente dita, a verdade incriada, se identifica com o próprio Cristo, que disse ser «Caminho, Verdade e Vida», a verdade criada, que a protagonista do monólogo das *Saudades dos Céu* pretende tratar, «segundo alguns, é consentimento do entendimento em a coisa que se lhe propõe, dizendo, isto é assim: o que outros declaram dizendo, que a Verdade criada é igualdade da coisa ao entendimento, se quando não é mais nem menos na palavra que na mesma coisa; ou na palavra, que no coração»<sup>238</sup>. Mas apesar de compreender a verdade em termos de adequação do entendimento e a realidade, quer ao nível da experiência exterior, quer dos mais edificantes sentimentos, haverá que atender à precaridade dessa adequação: «as verdades dos filhos dos homens [...] não tem seu peso cheio», esclarece de seguida. Todavia, não está vedado ao homem o seu conhecimento adequado, que poderá sempre ser aperfeiçoado, avançando o autor alguns conselhos para o distinguir do erro. Assim, começa por dizer, em primeiro lugar, que a verdade se conhece como se conhece uma moeda: pelo som, pelo peso e pelo toque:

Primeiro no bom som nas palavras verdadeiras, não dizendo mal de ninguém, dizendo bem de todos, e sendo grave no falar, porque como dizem quem muito fala dele dana, muitos néscios cuidam que em falar muito são discretos, mas nisso mostram sua ignorância. A segunda no peso, na gravidade dos costumes, e que seja o homem essencial, e não aparente, ou fantástico. A terceira maneira melhor

<sup>236</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pp. 32-33.

<sup>237</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 43.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 34.

se conhece no toque, se na boa conversação, e contratação, que por afeição não deixe, a verdade<sup>239</sup>.

Mas em última análise, a verdade compreende-se sempre por analogia ao Ser de Deus, que é o seu analogado principal e de que ela é propriamente a expressão, pelo que toda a verdade na terra é sempre um reflexo ou uma participação da verdade incriada. Por isso Frutuoso adverte no capítulo terceiro para a necessidade de mudar de atitude em relação à verdade, a quem se deve «ter grande respeito pelo que se deve a Deus, que é verdade increada (*sic*), donde eu trago mais alta e antiga origem, que me criou criada quando temporalmente criou o tempo, que me deu por Pai cá na Terra para me manifestar ao Mundo»<sup>240</sup>. Compara, de seguida, a sua missão na Terra à de Jonas, profeta que «figura a Verdade»<sup>241</sup>, diz Frutuoso. Pois, assim como Jonas padeceu diversas tribulações, até ser sepultado nas profundezas do mar, no ventre duma baleia que o engoliu vivo e depois o lançou na praia de Nínive, para cumprir a missão profética que lhe estava destinada, assim também a Verdade é oprimida e perseguida entre os homens, «mas finalmente sobre tudo vence», segundo a promessa de Cristo a quem permanecer no seu amor.

#### 7.2.4. A saudade e o sentido último da vida

Pronunciar um discurso segundo critérios de verdade constitui imperativo não somente do sacerdote e pregador, mas também do historiador, que foi o Doutor Gaspar Frutuoso. Nos variados domínios que foram versados pela sua prosa histórica, Frutuoso propõe-se contar a verdade sem condições, pois, conforme diz, se alguma condição a verdade possui «é que se há de dizer à boca cheia»<sup>242</sup>. A verdade, porém, a que Frutuoso se reporta não se circunscreve ao domínio factual nem tão pouco à especulação epistemológica, mas visa, essencialmente, a verdade da fé ou da revelação de Cristo, o restaurador da ordem subvertida pela fatídica transgressão que levou à queda da humanidade. As *Saudades do Céu* propõem-se concluir esta visão da verdade já iniciada nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pelo que as considerações de índole metafísica sobre a sua natureza merecem de Frutuoso apenas uma referência breve. Em contrapartida, a sua atenção concentra-se na abordagem da verdade a partir da mobilização de diversos passos das Escrituras, com especial realce para as palavras de Cristo, que é apresentado como mestre e guia da verdade, e de diversas histórias que ajudam a compreender a sua natureza e excelência. Reconhecemos nesta atitude o compromisso apostólico do autor de vincular

<sup>239</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>241</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>242</sup> *Ibidem*.

riquezas e formosuras lustrosas [...], o suave tom do polido metal de afamados e famosos homens de grande fama». O autor oscila entre um tempo idílico e primordial e um tempo em que Deus «durara sempre nele», enquanto «reinava em alguns dos estados, e reinos passados», por conseguinte, ligado a épocas históricas mais recuadas e de costumes mais depurados. Vislumbra-se uma certa ligação entre o Céu e a Terra que contraria a dicotomia entre o devir da história e o desígnio do homem e da sociedade de seguirem e imprimirem na Terra a ordem do Céu. O regresso à origem de um estado de perfeição não parece incompatível com a vida social que deverá reger-se, como outrora acontecera, por critérios de verdade e de bem. Em todo o caso, o que parece sobressair é a necessidade de trazer à sociedade de então a autenticidade de um tipo de vida que faz parte dum tempo que não está sujeito à mudança. O fato de o fio condutor da obra nos encaminhar para um tempo fora da história, para onde finalmente remete o «Ko propiciador do «penitente», no epílogo das *Saudades do Céu*, não nos poderá fazer esquecer o imperativo de ordenar a vida social segundo a inspiração regeneradora de um tempo em que Deus “durara sempre nele”, em rutura com o tempo que marcava a degenerescência daquela época. Será um tempo que não pertence à ordem do *chronos*, mas talvez do *kairós*, categoria a que Manuel Cândido Pimentel recorre, na análise a que submete a visão profética do P. António Vieira, que não se pretende transpor diretamente para a presente abordagem: um «tempo assumptivo» que ao recuperar o divino para os destinos do homem e da história, nos encaminha para «o tempo próprio da saudade e igualmente da esperança»<sup>248</sup>. A saudade remete-nos para a autenticidade de um estilo de vida em consonância com o destino último da história, apontando aos homens e à sociedade o caminho de salvação que os deverá mobilizar. Deste modo, a saudade, que Gaspar Frutuoso toma para título das suas duas obras e que emerge como sentimento que acompanha em permanência o triste e solitário desterro da Verdade, não somente detém, como em D. Duarte, o primado sobre os demais sentimentos<sup>249</sup>, mas é também ela, como observa Manuel Cândido Pimentel, ao analisar a dimensão filosófica que o tema da saudade alcançou em António Dias Magalhães, que «nos radica na *fonte do ser*, traduzindo a nossa *autenticidade original*»<sup>250</sup>. O sentimento da saudade opera uma ligação da reflexão frutuosiana sobre o homem e a sociedade com a ordem divina das origens, cuja ausência nos remete para a sua presença, como diz Pinharanda Gomes, ao defender, na linha de Álvaro Ribeiro, o sentimento da saudade como reabilitação da relação do homem com o seu fundamento, isto é, como forma de orientar as suas raízes para o solo fértil das suas origens, o qual encontra na noção de *firmamento* a sua expressão mais

<sup>248</sup> Manuel Cândido Pimentel, *De Chronos a Kairós*, p. 78.

<sup>249</sup> Cf. José Luís Brandão da Luz, «O tema da “saudade” em Gaspar Frutuoso», p. 406.

<sup>250</sup> Manuel Cândido Pimentel, *Razão Comovida*, p. 291.

consistente<sup>251</sup>. A saudade remete assim para uma instância fundacional que dá firmeza ou solidez às opções e aos projetos individuais e sociais, apontando, por isso, para o horizonte último do itinerário do homem e da história, que deverá animar todas as suas opções. Todavia, esta intencionalidade não resulta na apropriação de algo de incondicional que a possa preencher e trazer até alguma consolação. Muito pelo contrário, o sentimento saudoso é todo ele feito de espera duma totalidade irrecusável e sempre prometida, que acaba por projetar todo o agir individual e coletivo para além de qualquer finalidade em concreto de que nos possamos apropriar.

No final do penúltimo capítulo das *Saudades do Céu*, em que a Verdade mostra já total desinteresse pelas «coisas da Terra» e o seu isolamento atinge o apogeu, é o sentimento saudoso que desvanece nela a solidão e tristeza, ou seja, é a saudade que, paradoxalmente, a faz

estar menos triste nesta solitária serra, donde mais livre, e desembaraçadamente vejo o Céu, e contemplo nele; não me lembrando já do mundo, nem desejando, nem querendo mais ouvir nem saber os seus desatinos tão desatinados, seus vários casos, suas vãs esperanças, suas certas calamidades, que tudo são trabalhos do corpo, e inquietações da alma. Já estou de rouca sem fala, e de mudada muda, para as coisas da Terra, que tanto me desterram [...], e feita toda com saudade do Céu uma doce saudade. Oh! Deus saudade minha quando vos alcançarei gozar: Oh! Quando vos veria?

A “saudade”, nos dois livros de Frutuoso, responde a um desencantamento do presente e a uma fixação num passado que se desfigurou e num futuro que o poderá restabelecer. Mas, ao mesmo tempo que faz sobressair a densidade ontológica deste sentimento, revela também a sua natureza primigénia, que não se confunde nem nasce de nenhum outro. O sentimento saudoso não se identifica nem deriva da solidão e da tristeza que atingem a Verdade, mas, pelo contrário, anima-a a livrar-se da opressão que lhe provoca o desterro solitário da vida social e da pungente tristeza duma vida espiritual desordenada. Quanto mais solitária e triste pelo desprezo que lhe merece o convívio social e «as coisas da Terra», mais a Verdade se sente livre e possuída da «saudade do Céu»<sup>252</sup>, a qual também faz crescer nos dois amigos, protagonistas

<sup>251</sup> Cf. *ibidem*, pp. 373-379.

<sup>252</sup> O autor, pela boca da Verdade, mostra à Fama, sua interlocutora, o estado de alma de que está possuído, nos seguintes termos: «não sendo já no mundo quem ser soía, não quero ouvir as coisas dele; das quais, e de todas as da Terra tenho já perdida a saudade, por isso Senhora, ainda que vos agradeço muito o vosso bom desejo de as quererdes contar, vos peço as não conteis, e (como dizia o Redentor do Mundo) deixemos aos mortos, e mundanos enterrar seus mortos. Falemos somente das coisas vivas do Céu, nossa pátria, que é terra dos vivos, para que os bons nasceram, e empreguemos melhor o tempo do que até aqui fizemos, não seja tudo igual, variemos as práticas». Não hesita em demover a Fama do propósito de narrar as impressões da viagem que fez às outras ilhas dos Açores

do *Livro Quinto das Saudades da Terra*, o desejo reconfortante de «mudar a vida passada, e procurar a do Céu, de que tinham estranhas saudades»<sup>253</sup>. A saudade é arrimo e alento para recuperar a autenticidade da vida que jorra da memória de um tempo edílico de felicidade, sendo também, por isso, saudades do futuro, que anseia pela regeneração da história e pela vida plena da promessa.

O pensamento de Frutuoso nesta temática compreende-se assim na distinção entre dois géneros de vida, a saber: a vida terrena, marcada pela vertigem da queda da «dourada idade já perdida»<sup>254</sup>, e que é mister recuperar; a vida do Céu, a que se sente ligado e permanece leal pelos vínculos da lembrança, ou seja, por estranhas «saudades do Céu, que é a nossa doce, e desejada pátria»<sup>255</sup>, que nos deve guiar na vida social e individual e para a qual, na oração final que termina a obra, pelo dilacerante pranto da prece dum anónimo pecador arrependido, Frutuoso se prepara como verdadeiro penitente para ganhar a misericórdia de Deus.